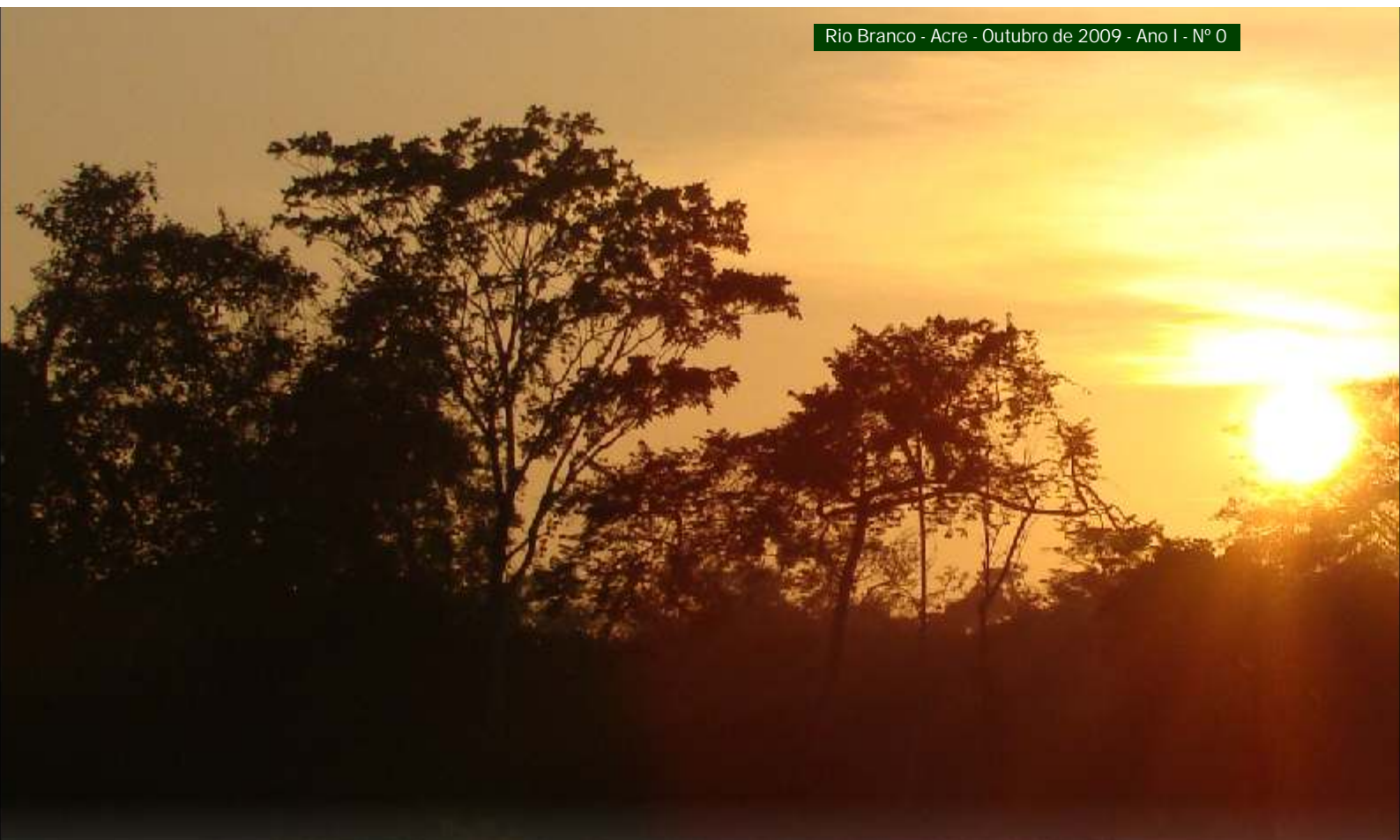


# Uirapuru

Turismo & Cultura

Rio Branco - Acre - Outubro de 2009 - Ano I - Nº 0





# Sumário

## SUMÁRIO

O Acre de Chicos	4
No teto da Amazônia	6
Eco contemplação	7
Artesanato Acreano	9
Entrevista	11
Turismo Rural na Agricultura Familiar	14
Seringais e Seringueiros	15
Turismo: Grandes Eventos, Grandes Negócios	17

# Apresentação

## APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

Com prazer apresentamos nossa primeira publicação da Revista Uirapuru Turismo e Cultura. Esse trabalho é fruto “pássaro” de uma organização de classe que tem como objetivo articular e divulgar as cadeias produtivas relacionadas ao turismo do município de Rio Branco, destino indutor do turismo no Estado do Acre.

Este instrumento é aberto aos formadores de opinião e fazedores culturais envolvidos com a temática da revista.

Câmara Temática de Turismo  
Sugestão: [ctturismo@gmail.com](mailto:ctturismo@gmail.com)

### Equipe Técnica:

Coordenação  
Rachel Dourado  
Colaboração:  
Giselle Lucena

Revisão Geral  
Helder Júnior  
Giselle Lucena

Projeto Gráfico  
Ulisses Lima

Conselho Editorial  
Adalgisa Bandeira  
Alan Lucena Dantas  
Vera Lúcia da Silva Santos  
Silmara Alves



# O Acre de Chicos

Cesário Campelo Braga - Sociólogo

■■■■■

**E**m meio à floresta amazônica de encantos e mistérios, índios e seringueiros ergueram um estado margeado por rios e igarapés, cuja história encontra-se impregnada em cada morador. Forjado nas lutas e no amor pela floresta esse Estado tem marcado em seu território a trajetória de um povo guerreiro que lutou para existir, lutou por sua autonomia, lutou para ser brasileiro e luta com amor de ser acreano.

Um povo da floresta que durante décadas foi explorado, pelos seringalistas, depois pelo próprio Estado. A borracha dos seringais acreanos por muito

tempo moveu as engrenagens da nação. Porém, após a segunda grande guerra, os preciosos soldados arregimentados para a árdua guerra da borracha não eram necessários. Esquecê-los! Esta foi a honraria cedida a estes. No seio da mata esses bravos homens seguiram suas vidas, José, João, Antônio, Chico, esquecidos, apagados... Mas, a paz é privilégio de quem pode pagar, e sob a batuta do desenvolvimento se decidiu ocupar, o que outrora já era ocupado.

Choro, matação, exploração e ganância, o pobre tem de sair. Índios, seringueiros, caboclos entre outros, a mata tem de cair. Uma terra sem

homens para homens sem terra dizia o Estado que mantinha seus olhos fechados para os moradores das florestas, presenteando grandes fazendeiros com vastas extensões de terra.

O “ouro negro” das florestas dá vez ao gado e aos campos. Surgem movimentos em defesa da vida dos lares da floresta. No silêncio da floresta se desenvolvem estes confrontos, que ganham mídia a partir do momento em que um seringueiro vai defender seu povo, sua mata, seu sustento.

Chico Mendes era um dos muitos Chicos que estavam nessa empreitada, com a





incumbência de ser porta-voz de um povo contra seu algoz. Reserva extrativista, alianças dos povos da floresta, é possível viver em harmonia.

No dia 22 de dezembro de 1988, na cidade de Xapuri, uma bala tentou calar o movimento, mas um grito de muitos nunca se cala! Nas ruas da pacata Xapuri ainda é possível escutar a história desses lutadores acreanos, nas paredes de suas casas nas estradas que cortam o Seringal Cachoeira e nas histórias de cada morador desse Estado intitulado terra de Chicos.

Esse grito pela vida que saiu do Acre e ecoou no mundo inteiro, ainda ressoa em cada pedacinho de chão das florestas acreanas, no canto de muitos pássaros, na frondosa Rainha Samaúma, na Imponente Castanheira e na dádiva da Mãe Seringueira.

Está é uma homenagem a estes acreanos, Toinhos, Zés, Chicos, seringueiros, índios, sindicalistas, lutadores, sonhadores que compõem cada pedaço desse Estado construído a muitas mãos, e que para cada acreano é o melhor lugar da terra.

Um Estado, uma Nação Amazônida que cativa por sua trajetória de lutas sociais de um povo guerreiro, ousado e lutador. Que com sua humildade acolhedora, traço típico dos habitantes da floresta, recebe com muito entusiasmo seus visitantes.

"No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade", Chico Mendes. ■

# No teto da Amazônia

Laerte Cardoso - Turismólogo

Tendo como objetivo pesquisar o ciclo da floração e fruto da castanheira, a Embrapa - Acre saiu na frente e construiu o arborismo mais alto do mundo, em castanheiras que passam fácil de 55m de altura.

Como consultor, tive a oportunidade de elaborar e executar diversos projetos de arborização no Centro-Oeste do Brasil, agora tive a oportunidade e a satisfação de projetar e implantar a arborização de 50 metros de altura, literalmente no teto da Amazônia. A vista é deslumbrante. É perceptível a mudança de temperatura do nível do solo até as copas das castanheiras, as diferentes espécies de insetos que variam conforme com a altura, tipos distintos de árvores com porte, estrutura e folhagem que encantam, orquídeas que jamais imaginei que existissem. A percepção é de que o ecossistema muda de acordo com a altura. Este ambiente e local com certeza é desejado por muitos gringos, pesquisadores e amante do bioma mais famoso do mundo.

Foi com prazer que passei 20 dias neste ambiente, e sei que muitas pessoas pagariam para passar apenas algumas horas do dia. Seria mesmo interessante que houvesse estruturas de arborismo com fins de atender ao turista. Como consultor em

turismo desde 1996, percebo que há demanda e ótimo potencial para desenvolver o turismo no estado do Acre, com base nas comunidades, interessados por este tipo de fonte de divisas.

No Brasil e em outros países, a maioria das pistas de arborismo busca atender aos amantes da adrenalina e da aventura, na região do Acre penso que um produto de arborismo deve ser projetado para atender à educação ambiental, contemplação e observação de flora e fauna. Logicamente esta atividade seria uma opção dentro do contexto do turismo. Existem outras tantas opções que podem ser atrativas também tais como: trilha interpretativa, rotas de seringueiras, plantas de uso medicinal, o patrimônio cultural imaterial muito rico, entre outros potenciais que podem ser formatados para exploração turística.

Com a Amazônia tendo um marketing bem desenvolvido, a história do Acre de luta em defesa da floresta também bem conhecida, a própria história de formação do estado acreano, a estrada do Pacífico e o povo acreano que modéstia parte, sabe receber muitíssimo bem os visitantes, temos todos os ingredientes facilitadores para o desenvolvimento turístico no estado. ■



# Eco Contemplanção

Conheça uma opção de passeio no meio da natureza, mas próximo da cidade

Rosa Lopes - Tecnóloga em Turismo

Ulisses Lima - Acadêmico de Jornalismo

Com um barco, pessoas confiáveis e uma boa dose de ânimo se pode fazer um inesquecível passeio na floresta, em plena capital do Acre. Referimos-nos a Trilha Ecológica Lago do Amapá, que é realizada em uma Área de Proteção Ambiental - APA, a pouco mais de dez quilômetros do centro de Rio Branco. O Lago do Amapá está localizado na margem direita do rio Acre, em terras do antigo seringal Amapá, possui seis quilômetros de extensão e a região em seu entorno possui uma rica biodiversidade que maravilham os seus visitantes.

Idealizada, em 2004, pelo guia turístico Milton Fernandez e o mateiro Francisco Gurgel, a trilha do Lago do

Amapá recebe rotineiramente turistas de todas as partes do país, para um dia inteiro de contemplação e respeito à natureza. A maioria dos turistas procura o serviço graças à indicação dada por amigos que já fizeram o percurso. “Muito bom poder contemplar a natureza meditar um pouco. Gostei de fazer acrobacia na floresta, dancei com a mãe natureza pude contemplar esse passeio com a natureza da floresta”, afirma o turista francês, Rômulo Pelliza.

O rio

O roteiro começa no famoso Calçadão da Gameleira, barranco do Rio Acre, onde se embarca em um batelão aos

comandos do experiente marujo Rodrigues Miramar, que viu nos passeios turísticos um bom meio de ganhar o seu sustento. Durante quase duas horas de viagem lenta, como deve ser, sobe-se o rio ao encontro do lago. O caos da cidade vai ficando para trás e a natureza presenteia com belas imagens, como a preciosa dança do boto cor-de-rosa. Trata-se de um momento singular, haja vista que esta espécie é rara, apesar de muito presente no imaginário acreano.

A trilha

O rio encanta com suas imagens e cheiros. Após uma hora de barco, a tripulação se atraca no barranco. Surge assim



a primeira parte da trilha. Com a ajuda de Francisco Gurgel, é possível conhecer diversos tipos de árvores e plantas medicinais. Com atenção, observar as espécies de formigas e os macacos em samaúma, jatobá, paxiubinha, entre outras. Tudo isso com uma trilha sonora invejável de diversos pássaros e bichos da mata.

A caminhada é repleta de oxigênio e conhecimento tradicional. Chegando ao restaurante do Gurgel, nota-se uma casa simples, mas acolhedora, com o tradicional

prato “galinha caipira” e deliciosos acompanhamentos como pirão, vatapá, salada, arroz e macarrão. Mesa farta como preparação para a segunda parte da trilha. Um pouco mais longa, mas não menos empolgante.

#### O lago

Com um formato que lembra uma ferradura, o lago também simboliza proteção. Um espelho d’água tipicamente amazônico, que reflete uma floresta protegida por lei, e principalmente pelas pessoas

que dela dependem. A travessia de canoa nos aproxima ainda mais do lago, e após as pausas para as incansáveis fotografias um convite ao banho e a contemplação do verde.

O lago do Amapá, portanto, identifica-se como uma amostra grátis do quanto a preservação e respeito à natureza favorece a todos, e o turismo muito tem a colaborar para essa preservação, tanto na sustentabilidade das comunidades como na conscientização dos turistas. ■





# Artesanato Acreano

Vera Lúcia da Silva Santos - Turismóloga e Presidente da Cooperativa de Artesanato Paiol

O artesanato é uma arte milenar de grande relevância para cultura de um povo e de um lugar, pois através da arte, a cultura de um povo está sempre viva. Toda pessoa que viaja, seja por qualquer motivação, normalmente traz em sua bagagem em forma de pequenos suvenirs um pouco da história e da cultura do lugar visitado, presenteando parentes ou amigos. Turistas de qualquer região demonstram um grande interesse no conhecimento histórico da cidade receptora, para que assim, possam indicar os roteiros para amigos e parentes ou voltar novamente ao destino.

Em Rio Branco, a atividade artesanal tem crescido consideravelmente nos últimos dez anos. Haja vista os investimentos na área do turismo por parte do SEBRAE e da SETUL, muitos dos artesãos acreanos

têm participado de grandes feiras fora do estado, inclusive feiras de porte internacional, como a FIAM - Feira Internacional da Amazônia e outras. Assim, nosso artesanato tem concorrido com artesanatos de outros estados brasileiros, não deixando nada a desejar, pois a cada dia com essa participação em grandes eventos dentro e fora do estado, os artesãos se profissionalizam, ganham experiências e novas visões. Inclusive, no que se refere à criação de peças voltadas para área cultural, na cooperativa PAIOL, por exemplo, localizada na casa do artesão do Mercado Velho (grande local de visitação turística em Rio Branco) os artesanatos mais procurados por turistas de todas as nacionalidades, são os que estão focados na cultura local, como as miniaturas dos produtos em látex, que representa a

cultura do povo seringueiro; as cuias de tacacá como parte da representação da gastronomia indígena; as miniaturas de índios, ocas, flechas, cocá, como representação cultural das etnias indígenas do nosso estado; e as biojóias, fabricadas com sementes da nossa rica flora.

Todos os trabalhos produzidos pelas cooperativas com produtos retirados da nossa floresta têm forte preocupação com a sustentabilidade ambiental, uma vez que os órgãos de apoio ao artesanato acreano têm buscado fortalecer essa consciência ambiental a todos os artesãos. E dessa forma o nosso artesanato tem tido uma maior aceitação no mercado, pois ser artesão hoje em Rio Branco é também ser um guardião ambiental para que possamos garantir a sustentabilidade do nosso negócio. ■



# Entrevista

Com Marcos Vinícius Neves\*

Por Adalgisa Bandeira de Araujo - Pedagoga e mestre em turismo



\* Marcos Vinícius Neves é historiador, arqueólogo e atualmente diretor presidente da Fundação de Cultura Garibaldi Brasil de Rio Branco – Acre.

Adalgisa Araújo – Em seu trabalho frente ao órgão gestor de cultura e turismo de Rio Branco existe uma clara preocupação com o turismo e os segmentos de culturas tradicionais. Como surgiu essa preocupação?

Marcos Vinícius – Pensando nas características amazônicas do Acre e o tipo de turismo que queremos, estamos procurando trabalhar esse tema através das câmaras temáticas buscando no fortalecimento da cultura como a base essencial para o futuro desenvolvimento do turismo. Uma comunidade frágil, ao ser submetida ao turismo tende a se quebrar facilmente. Se religiosa como o Daime, das comunidades rurais como as do Amapá, as comunidades de bairros relacionadas a algum patrimônio cultural importante, como as do segundo distrito, do Bairro Quinze. Neste bairro temos a intenção de trabalhar o fortalecimento do patrimônio histórico cultural com a casa de cultura, vamos retomar o Barracão do Quinze que poderá se tornar, novamente, um ponto de atração turística e se isso acontecer vai ser a partir das comunidades e não ao contrário. Pretendemos fazer isso pelo turismo e na medida em que ele aconteça fortaleçamos a cultura junto com a comunidade. Então podemos

dizer que estamos desenvolvendo um programa de trabalho junto a essas comunidades e no fortalecimento delas como condição básica essencial para o turismo.

A– É possível perceber que o turismo tem sido mais discutido em Rio Branco nos últimos anos. Pode dizer se a cidade já dispõe de plano específico para o desenvolvimento do turismo?

M.V– Ainda não. Nós temos, na verdade, as duas bases primordiais para o desenvolvimento do plano municipal de turismo, que é todo trabalho que foi feito junto ao Ministério do Turismo e o governo estadual pra definição das necessidades de acordo com o programa de Regionalização do Turismo já que Rio Branco é um dos 65 destinos indutores do turismo no Brasil, mas falta sua conclusão. Quando concluído teremos um plano específico de turismo, inter-relacionado ao da cultura, porque essa tem sido a nossa política. Acreditamos que essa é a abordagem mais interessante para o caso do Acre diante das suas características. Uma história muito forte, uma cultura muito presente, que é seu principal atrativo, não dá pra competir com a Amazônia do Amazonas no ponto de vista das belezas cênicas, do ecoturismo, etc. Mas em compensação eles não conseguem competir com a gente no que diz respeito à

nossa cultura, a nossa história. Então temos que potencializar o que nós temos de melhor, inclusive com o sentido de sustentabilidade do turismo, pra minimizar os impactos negativos do turismo e maximizar os potenciais econômicos e sociais a partir dessa abordagem comunitária e também cultural. Acho que esse é o diferencial do Acre e o planejamento deverá ser construído nesse sentido.

A– Pode nos dizer se existe parceria para o desenvolvimento da atividade turística no município entre os poderes públicos e a iniciativa privada?

M.V– Sim. De forma limitada, porque a nossa parceria tem se restringido ao desenvolvimento do Plano para deliberação de qual tipo de turismo queremos, temos discutido isso com a iniciativa privada.

A– Para você o que representa o Turismo para o seu município?

M.V– O turismo é uma realidade pro mundo todo, pro Acre não é diferente. Por outro lado, como o turismo no Acre ainda não é muito desenvolvido, a gente tem aqui uma oportunidade excelente e opcional de desenvolver um turismo diferenciado. A gente precisa do nosso turismo, vender o nosso turismo, quem quiser venha conhecer o turismo de acordo com as nossas condições. Não vai dar certo (e se der certo vai dar muitos problemas), se tentarmos

importar modelos de turismo exógenos, estranhos à nossa realidade. Há que se ter um turismo, mas há que se ter um turismo, entranhadamente acreano, originariamente acreano, baseado em nossos próprios princípios, em nossas próprias potencialidades, nossos limites. Esse é o preço a ser pago pelo trade. Assim como é o preço de termos o turismo que queremos.

A– Em qual segmento do turismo seu município mais se destaca?

M.V– Turismo Cultural. Se reunirmos os interesses das pessoas que vêm para cá, elas podem até vir por negócios. Mas o campo de interesse das pessoas que para cá vem é praticar o turismo cultural. Acho que é isso que atrai mais a atenção, mais do que o ecoturismo. E nesse turismo cultural eu relacionaria também o Daime, eu não o relacionaria no segmento místico. Porque o turismo místico é aquele que está acontecendo nos Andes, onde as pessoas compram um pacote pra ir ter com um “xamã-de-araque”, tomar ayahuasca, (com “a” minúsculo, porque nesse caso, ela não é divindade), tomar mescalina, e não sei o quê mais, e sai de lá mais doido do quê quando chegou. Isso não é realidade no Acre. No Acre a gente tem comunidades tradicionais, que praticam secularmente uma doutrina religiosa e as pessoas têm que

se adequar a essa doutrina pra poder ter alguma interação com eles. Turismo místico talvez seja cabível, para o que acontece no Céu do Mapiá. Porque as pessoas vão pra lá com essa definição, com essa busca. Acho que turismo religioso é praticado durante o Vinte de São Sebastião, o Novenário de Nossa Senhora da Glória, o São João do Guarani em Xapuri. Agora o turismo que é feito junto às igrejas do Daime, às comunidades tradicionais aqui situadas em Rio Branco, elas tem menos conteúdo místico de uma experiência extraordinária do ponto de vista espiritual e muito mais de uma experiência cultural no sentido do auto-conhecimento. Tanto que essas igrejas daimistas não admitem o desenvolvimento de nenhuma atividade de turismo. Isso é uma resistência delas, até certo ponto ética, de princípios, porque é muito importante para elas. Nós temos muitos centros daimistas aqui, que trabalham com a caridade, com atendimento às pessoas e por isso ninguém que chega numa igreja deixa de ser atendido, mas não é ser atendido como turista é ser atendido como uma pessoa que buscou ajuda e vai receber. Isso faz parte da cultura, por isso que eu digo que é cultural. Não se confunde com esse outro tipo de turismo místico em que as pessoas pagam para ter a experiência mística.

A– Em seu discurso é possível perceber que considera o Acre e sua cultura distintos dos demais estados da federação. Como explica essa diferenciação e como considera a cultura acreana?

M.V– É a especificidade regional. A sociedade acreana é diferenciada. E as pessoas se encantam quando entram em contato com essa especificidade, essa diferenciação e aí são atraídas e se interessam por essas características. O acreano adora ser acreano, isso é diferente, por mais estranho que isso possa parecer. Quem vem de fora percebe muito isso, percebe esse amor pela bandeira do Acre, pelo hino do Acre, todo acreano é um apaixonado pelo Acre. Nenhum não-acreano pode falar mal do Acre. Só quem pode falar mal do Acre são os acreanos. Isso são signos, são símbolos, são imagens de uma cultura extremamente forte, extremamente presente. É diferente de Rondônia onde sua cultura típica se diluiu diante dos desvios econômicos desenvolvimentistas que Rondônia viveu. Então, as pessoas que vão a Rondônia não entram em contato com a cultura rondoniense porque ela não é evidente, ela não está presente. Ela é apenas mais uma cidade. No Acre não. Ninguém passa pelo Acre impune. O Acre mexe com as pessoas, toca as pessoas. Isso é produto da cultura acreana. ▶



A– Na época em que vivemos se fala muito em promover desenvolvimento com sustentabilidade. Nesse sentido considera sustentável o planejamento de seu município?

M.V– Não. Porque em apenas alguns aspectos nós nos aproximamos de uma condição de sustentabilidade. Porque sustentabilidade é condição, a gente pode fazer tudo certo, mas se em algum momento deixar de cumprir uma das condições já não se tem a sustentabilidade. Então pra se ter sustentabilidade é preciso sustentar a sustentabilidade, de forma, permanente, por mais redundante que pareça. Em muitos aspectos nós precisamos avançar muito. Hoje, Rio Branco é uma cidade limpa, evidentemente limpa, mas é limpa a partir da atuação do poder público, a sociedade ainda suja. A sociedade ainda não assimilou internamente, e não superou uma trajetória cultural em que a lógica

era: “Não presta? Rebola no mato!”, como se o “mato” fosse lixo, e não a floresta amazônica, e como se “rebolar” alguma coisa que não presta no “mato”, fosse solução pro lixo. Então, nem tudo que é cultural é positivo, quando se fala em aspectos culturais se fala também em trabalhar os aspectos negativos da cultura. Não temos em processo nenhum bairro atendido por coleta seletiva, a reciclagem existe de forma embrionária. A cidade ainda não tem saneamento básico essencial, talvez o centro da cidade e alguns bairros sejam atendidos por rede de esgotos, o resto todo utiliza fossa, contaminando o

lençol freático. A nossa água ainda tem problema de distribuição, e de desperdício por parte da população. Então a gente ainda tem que avançar muito se quisermos, um dia, ter uma cidade sustentável.

A– A dinamicidade dá idéia de movimento, interação, empoderamento. Uma via de mão dupla, sendo este o feedback necessário para tornar a cultura mais dinâmica. No seu entender, considera a cultura em seu município diversa e dinâmica?

M . V – S i m . M u i t o .

“É preciso encontrar o caminho acreano do turismo, do nosso turismo e não de modelos de turismos exógenos, estranhos à nossa realidade.”

Extraordinariamente diversa e dinâmica. A dificuldade que os governos têm é a de enxergar isso. Tanto que a nossa preocupação aqui na Fundação foi a de no ano de 2005 realizarmos um diagnóstico pra tentar entender os segmentos sociais do tecido cultural acreano. Porque você olha, superficialmente, parece tudo a mesma coisa, mas internamente, organicamente, você tem uma diversidade muito grande. Um Estado que tem 14 etnias indígenas hoje identificadas, 15 e 16 com as ressurgidas, não pode ser considerada homogênea. Rio Branco não tem nenhuma terra indígena, é verdade. Mas Rio Branco é uma grande aldeia síntese. Aqui em

Rio Branco moram índios de todas as etnias do Acre e de outras áreas do Amazonas, de Rondônia. Todas as etnias têm casas de referência das etnias dos que moram há décadas na cidade e recebem os “parentes” vindo das aldeias. Então Rio Branco é a síntese das aldeias acreanas. Do mesmo jeito ao iniciar os anos 70, quando 80% da população acreana moravam na zona rural florestal e só 20% na cidade. Com o evento dos anos 70 essa lógica se inverteu hoje 75% da população moram nas cidades e só 25% mora nas

zonas rurais. E quem recebeu o maior fluxo desses contingentes de imigração do interior foi Rio Branco. Então você vai para o Aeroporto Velho você vê uma rua inteira formada só por pessoas vindas de Tarauacá, você tem uma colônia cruzeirense que todo dia 28 de setembro faz festa pra celebrar o fato de ser cruzeirense. Então da mesma forma como falei das etnias indígenas, Rio Branco é a síntese dos municípios acreanos porque ela é formada por pessoas que vieram dos diversos municí-

pios acreanos. Talvez seja o município mais heterogêneo, mais diversificado de todos, por ter essa característica de síntese. E se a gente lembrar que na origem da formação do Acre somos constituídos por cearenses, maranhenses, piauienses, cariocas, gaúchos, paulistas, franceses, italianos, portugueses, sírios, libaneses, turcos essa diversidade e dinamicidade aumenta. O Acre já nasceu globalizado como diz o ex-governador Jorge Viana, o Acre em menos de 20 anos (1880 a 1900) se tornou um resumo do mundo porque a origem das pessoas que pra cá vieram, foi muito diversificada. A base étnica, cultural do Acre é por

essência heterogênea e diversificada. Então nossa cultura é extremamente diversa. É preciso saber enxergar isso.

A– Considerando como cultura tudo que diz respeito à identidade da população seja nos saberes, dizeres e fazeres tradicionais considera valorizada a cultura de seu município?

M.V– Sim. Por conta dessa cultura acreana de dar muito valor às suas próprias coisas. O acreano dá muito valor às suas características. O Acre foi Território Federal durante sessenta anos, mais da metade da sua história. Seria estranho se não fosse assim. Se você olhar a trajetória do Acre você vai ver que foi uma luta constante. A luta contra o meio pra dominar essa floresta selvagem, indomável, a luta contra os estrangeiros para tornar isso parte do Brasil, a luta contra o próprio governo pra deixar de ser Território e virar estado autônomo, depois a luta contra um desenvolvimento estranho à nossa realidade, um desenvolvimento predatório. Todas essas lutas têm um mesmo sentido, falam de uma mesma coisa, do direito à auto determinação. O acreano luta pelo direito de ser quem é, nem mais nem menos. O que pode ser mais forte do que isso? Só a sua própria identidade. Então a única coisa que os acreanos não aceitam é que chegue alguém de fora querendo dizer quem os acreanos são e o que eles podem fazer. Os acreanos sabem quem são, onde querem chegar e o que tem que fazer pra ir até lá. Quem quiser vir pra ajudar venha, mas não venha pra dar lição porque não vai ser bem sucedido.

A– Compreende ser importante a interação com as populações andinas (da região dos Andes) e pandinas (do Departamento de Pando – Bolívia) para o turismo na região?

M.V– Mesmo que isso não aconteça de forma espontânea ganhamos todos com a relação, com o estabelecimento de laços de relacionamentos, porque isso se rompeu ao longo do tempo, houve uma época em que esses laços existiram. Da mesma forma como tinham os rios pra levar pro Amazonas, pro Pará e pro Brasil, existiam os varadouros que levavam pra Ribeiralta, pra Cobija, pra Iñapari, pra Porto Maldonado, de qualquer forma a gente perdeu muito isso, eu costumo dizer que a distância entre o Brasil e a Bolívia ou entre o Acre e a Bolívia é muito maior do que a largura do rio Acre, descobri isso num carnaval. Por acaso, acompanhando uma equipe de reportagem eu fui “bater” no carnaval em Cobija, e descobri que lá tem um carnaval maravilhoso, florido, diferente, super pitoresco, que os acreanos nem ligam. Por outro lado há um interesse muito pequeno dos acreanos em relação à cultura, à vida dos nossos “hermanos”, patricios. Por outro lado, surpreendentemente também, há uma inexistência de conflitos que é muito significativa, a gente não pode esquecer que o Acre foi definido a partir de uma guerra. Hoje não existe guerra, mas também, não existe interação entre as culturas. Não existe uma inimizade prévia, não existe um conflito interno, uma concorrência, nem dissimulada, nada disso existe. Então é uma inexistência de conflitos ao longo dessa fronteira que é surpreendente pela origem da região, por ter surgido de uma guerra. Por outro lado há a inexistência de interesse mútuo de relacionamento que também é surpreendente. O que eu penso que seja o nosso maior ganho do ponto de vista do turismo interno e como potencial para ser explorado no turismo de mais amplo espectro, é exatamente essa possibilidade da gente estreitar esse relaciona-

do que os dólares que poderão vir. Talvez essa estrada e a rota turística internacional mude fundamentalmente isso. Os peruanos e bolivianos precisam dessa interação, eles estão numa posição de desenvolvimento econômico muito pior que nós. Mas a gente precisa parar de olhar para os Estados Unidos e para a Europa e passar a olhar pros Andes que é muito mais bonito.

A– O que conhece da Rota Internacional Amazônia-Andes-Pacífico em termos de identificação dos elementos turísticos que a compreende, percurso, porta de entrada, promoção, comercialização?

M.V– Praticamente nada. Existe pouca divulgação. Por enquanto, está só no âmbito da Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer.

A– Acredita que seu município tem potencial para desenvolver o turismo com outras rotas turísticas que contemple outro segmento turístico?

M.V– Sim. Diversos. O turismo histórico mesmo. Estamos trabalhando pra isso agora o Parque Plácido de Castro, Seringal Benfica, a cidade cenográfica do Quixadá. Na própria cidade de Rio Branco precisamos consolidar o city tour. Hoje na cidade temos o que ver. Então tem muita coisa pra ser feita que é o que espero fazer com esse plano municipal de turismo.

A– Para finalizar. Acredita que é possível desenvolver o turismo cultural na região da Amazônia?

M.V– Sim porque é a nossa vocação. No Acre o ecoturismo tem que ser um subproduto do turismo cultural e não o contrário. O turismo cultural é o produto principal, o ecoturismo é o subproduto e deve ser praticado nas áreas de proteção ambiental em consonância com as leis ambientais. ■

# Turismo Rural na Agricultura Familiar

Alan de Lucena Dantas - Turismólogo e Especialista em Ecoturismo



No Brasil, diversos autores vêm dando ênfase à necessidade de um redimensionamento das análises do espaço rural, visando apreender o conjunto das transformações em curso. O turismo, enquanto atividade produtiva, do ponto de vista econômico e social, vem assumindo espaços em todo mundo em decorrência de sua própria natureza, que via de regra, leva consigo o viés da sustentabilidade. No rol de suas atividades, se percebe que um dos diversos ramos vem tomando corpo bastante expressivo, que é o Turismo Rural.

Desde 2003, o Ministério do Desenvolvimento Agrário vem articulando a Rede Temática do Turismo Rural na Agricultura Familiar-TRAF, que é uma articulação de técnicos,

instituições e representações de agricultores que visam o desenvolvimento do TRAF no país, objetivando o desenvolvimento rural, do ponto de vista da sustentabilidade mediante a implantação e fortalecimento das atividades turísticas pelos agricultores familiares.

Esta atividade eminentemente rural vem prevalecendo em algumas regiões do Brasil, em especial no sul e sudeste, com experiências bem sucedidas. O Turismo Rural vem gerando ocupação e renda para populações que vivem no campo, tendo como atrativos os elementos típicos do próprio campo, como os costumes e hábitos dos produtores rurais, além de ofertar hotel-fazenda, fazenda-hotel, pousadas, pesque-pague, restaurantes típicos, venda direta de produtos

des, atividades de lazer associadas à paisagem natural, atividades baseadas nos elementos culturais de um local ou região, atividades ecológicas, além do artesanato e a própria produção familiar.

Para tanto, a extensão rural e a assistência técnica, precisará ver o Turismo Rural enquanto atividade viável para o homem do campo valorizando cada vez mais sua cultura e promovendo assim, qualidade de vida e inclusão. O que podemos esperar desta atividade é que políticas públicas sejam direcionadas no sentido de se propor alternativas que contemple as populações tradicionais do Estado do Acre, valorizando assim, o extrativismo, a cultura do seringueiro, e outros elementos como a produção sustentável do homem da floresta. ■



# Seringais e Seringueiros

No Acre, seringueiros organizados conseguiram visibilidade internacional com a luta por seus direitos de trabalhadores da floresta Amazônica.

Rachel Dourado - Turismóloga

A pressão durante as décadas 70 e 80 era grande no intuito de retirar extrativistas das terras da Amazônia para ocupá-la com pastos. Uma das estratégias era a venda dos seringais para os fazendeiros, e depois, a expulsão dos seringueiros e suas famílias da floresta. Além disso, não se oferecia educação nos seringais, sob várias alegações, entre elas, dificuldade de acesso e falta de professor qualificado, o que mantinham pacíficos os seringueiros que pouco conhecia seus direitos.

Neste contexto, os seringueiros, com ajuda do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, idealizaram em 1981 o Projeto Seringueiro, que tinha como um dos objetivos alfabetizar adultos para melhorar o quadro da militância que lutava e defendia a permanência de extrativistas nas florestas e afastar os fazendeiros que queriam devastar.

Um ano depois da idealização do Projeto Seringueiro em 1982 foi fundada a 1ª Escola que carrega o nome do grande líder seringueiro Wilson Pinheiro localizada no Seringal Nazaré em Xapuri, e que ainda hoje se encontra de pé como uma árvore bem plantada no interior da floresta. Esse projeto se expandiu e foram criadas muitas escolas em todo Acre.

Essas escolas tiveram um papel político e social fundamental na história acreana: formaram lideranças comunitárias de base, além de alunos que viraram professores e continuaram a cadeia de construção de saberes na floresta. Essas escolas marcaram a ousadia, coragem e a resistência dos seringueiros na luta pelos seus direitos em um cenário histórico tão complicado. Essa é uma forte herança cultural: as vivências e lutas dos seringueiros nas matas acreanas.

Hoje, quem vem ao Acre não pode deixar de conhecer a vida dos seringueiros, homens que acordam bem cedo andam nos varadouros, as estradas de seringas, extraindo, com sabedoria, o látex da Seringueira - *Hevea brasiliensis*, aproveitando as riquezas da floresta, coletando castanha, sementes, óleos, plantas medicinais, sustentando sua família e sua floresta viva.

Quem vem a Rio Branco, Acre, dispõe de pouco tempo para conhecer o seringal que resistiu à pressão do "desenvolvimento" urbano: o Seringal Urbano Parque Capitão Ciriaco, localizado próximo ao centro da cidade (aproximadamente 10 minutos caminhando, partindo da passarela Joaquim Macedo), que também abriga a Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil. ▶



O seringueiro responsável pelo extrativismo no Parque Capitão Ciriaco é o senhor Aldenor da Costa Souza, nascido no Baixo Acre, em 20 de Outubro de 1943 e registrado em Cruzeiro do Sul, filho do cearense Mário Pereira de Souza com a amazonense Jovita de Costa Souza. O pai do seu Aldenor era seringueiro, foi com ele que iniciou o ofício, porém o Senhor Mário deixou dona Jovita com os seus 11 filhos muito cedo e para sustentá-los ela lavou muita roupa para um hotel de Cruzeiro do Sul. Todos os filhos ajudaram com as roupas e não deixavam de cortar seringa.

Seu Aldenor ainda em Cruzeiro do Sul casou e foi viver sua vida, esse casamento não deu certo e após separação, aconselhado por sua mãe, foi para a capital acreana, onde

conheceu Dona Maria Ferreira de Moraes, nascida em Sena Madureira/AC, mulher mais velha e já viúva do terceiro marido seringueiro. Casaram e estão juntos até hoje. Seu Aldenor brinca dizendo “mulher de fígado branco o homem morre primeiro, vou acabar morrendo” depois continua só que sério “isso tudo é lenda”. Seu Aldenor conta que sempre foi seringueiro, e aos 18 anos tirou sua carteira de trabalho e lá sua atividade é SERINGUEIRO, diz todo orgulhoso.

Seu Aldenor trabalha no Parque Capitão Ciríaco – Seringal Urbano há quatro anos, onde tem o prazer de demonstrar sua profissão de seringueiro. Orgulhoso de sua sabedoria, fala que sua profissão tem reconhecimento de seus familiares, das

pessoas públicas, da televisão. “Eu me sinto respeitado e o valorizado”.

“Vou cortar seringa às quatro da manhã, corto de 110 a 120 seringueiras nas três estradinhas do parque. Quando dá umas 9 horas, já tô colhendo o leite, colher é bem rápido, quando dá mais ou menos 10 horas vou defumar aqui mesmo. Essas “pelas” são para as instituições e o pessoal quando vê defumar acha lindo. Vem gente de todo lugar, professor, turista, aluno, todo mundo curioso. Nessa minha profissão tem que se sentir bem, meu pai foi embora cedo com outra família e fui acostumado a trabalhar desde cedo. Tenho 66 anos, 66 anos sustentado pela seringueira” ■





# Turismo:

## grandes eventos, grandes negócios

Silmara Lima Alves - Turismóloga



É inegável a força do segmento “Turismo de Negócios & Eventos”. Uma série de encontros, congressos, seminários, feiras e outros acontecimentos de caráter profissional, comercial, religioso, técnico e científico tem promovido ampla movimentação turística na cidade, o que certamente não aconteceria sem a oportunidade de participar de eventos e realizar negócios.

Nesse sentido, o Acre tem se posicionado como destino referência para realização de encontros de pequeno, médio e grande porte. Apesar de existirem obstáculos para realização desses eventos, como a inexistência de um Centro de Convenções, e pela saturação da capacidade hote-

leira local, mesmo assim, inúmeros eventos de cunho local, nacional e internacional já foram realizados na capital acreana.

De acordo com o calendário de eventos do governo do Estado, podemos citar alguns desses acontecimentos ocorridos nos últimos três anos: Feira Panamazônica (2007), com a participação de oito estados brasileiros e sete países vizinhos; Congresso Internacional de Manejo de Fauna Silvestre (2008), com a presença de 16 países; o Encontro Internacional de Motociclistas da Amazônia, envolvendo os estados brasileiros de Rondônia e Amazonas, além de delegações da Bolívia e do Peru (2008); CIMFAUNA – Congresso Internacional de

Manejo de Fauna Silvestre na Amazônia e América Latina, com a participação de 600 pessoas, movimentando a economia local em 1,5 milhão (2008); o Congresso Panamazônico de Hematologia e Hemotologia (2009), entre outros. Além de o Estado ter concorrido recentemente a sede da Copa do Mundo de 2014.

A disputa para sediar esses eventos só tem sido possível com a consolidação da “marca Acre”, que está relacionada à preservação ambiental, sustentabilidade e ao legado cultural dos povos da floresta. Essa característica evidencia o crescente interesse, registrado no Estado, sobre aspectos relacionados ao uso sustentável da floresta. ▶



COOPERACRE:  
Um exemplo a ser seguido

A Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre – COOPERACRE é uma empresa acreana, que busca participar de Feiras e Eventos locais e nacionais. Participou de eventos como: a IV FENAFRA - Feira da Agricultura Familiar (RJ); I Amostra de Desenvolvimento Regional (BA); IV Salão do Turismo (SP), evento promovido pelo Ministério do Turismo que busca mostrar a singularidade dos destinos brasileiros. Todos os anos, a cooperativa participa da maior Feira de Negócios do Acre, a

EXPOACRE, onde além de divulgar seus produtos para a população local e turistas, alcança conquistas como a comercialização da Castanha Picante e Caramelizada, Óleo de Copaíba, Vinho de Jatobá e Polpa de Frutas regionais.

Com sede em Rio Branco, a COOPERACRE está localizada na Rodovia AC 40, Km 4 - Vila Acre. É composta por uma rede de 26 associações e cooperativas espalhadas entre os municípios do Vale do Acre e Purus. A política adotada é a da promoção da sustentabilidade, fundamentada no cooperativismo e no empreendedorismo entre os extrativistas e produtores rurais.

Seu Manoel José da

Silva, presidente-fundador da Cooperativa, diz que o motivo principal do surgimento da mesma, foi o fato dos trabalhadores da floresta sonharem em serem os donos de seu próprio negócio. Hoje, a COOPERACRE tem cerca de 120 funcionários e contribui para que 1.700 famílias permaneçam na floresta vivendo dignamente dos seus produtos. E pelos eventos por onde passa, leva consigo os maiores símbolos da cultura acreana: a borracha e a castanha, que atualmente continuam dando bons frutos. ■





Fotografias:

Sérgio Valle  
Rafael Bonamim  
Giselle Lucena  
Acervo FGB  
Acervo CTA  
Ulisses Lima  
Cesário Campelo  
Rachel Dourado  
Larte Cardoso  
Acervo Coopeacre

Realização:

Conselho Municipal de Políticas Culturais  
Câmara Temática de Turismo  
Câmara Temática de Jornalismo

Financiador:



Lei de Incentivo à Cultura

Patrocinador:

